



MR 033. Redes, fluxos e relações em espaços transnacionais de produção de agenciamentos políticos

Coordenador(es):

Daniela Caruza Gonçalves Ferreira (IFPI)

Participantes:

Fernanda Caroline Cassador Costa (PPGSA/UFRJ)

Uliana Esteves de Jesus (MN/UFRJ)

Vanessa de Souza Hacon (UnB)

Debatedor/a:

Vanessa Parreira Perin (UFRJ)

Observando as redes, fluxos e relações em rápida transformação na contemporaneidade, a antropologia tem se aproximado de objetos e contextos de pesquisa que extrapolam o nível local ou mesmo o nacional. Antropólogos e antropólogas brasileiras vêm realizando trabalhos de campo em diferentes escalas e situações para observar fluxos e conexões que ultrapassam as fronteiras nacionais ou que se constituem em espaços transfronteiriços. A mesa discutirá distintos atores, redes, instituições e/ou processos constituintes no/do espaço que se convencionou chamar “transnacional”, notadamente aqueles que se articulam em torno da cooperação internacional e das diferentes tradições de conhecimento que compõem esse universo (acadêmicas, religiosas, humanitárias e étnicas, entre outras), destacando os fluxos de pessoas, tecnologias, saberes, políticas e práticas de governo que engendram processos de formação do espaço transnacional ou que são gerados a partir dele. Como circulam pessoas, capitais, saberes e políticas pelas tramas do transnacional? O que é possível destacar destes fluxos? Quem são os atores envolvidos nesses processos? Quais agendas políticas os impulsionam? Quais são os efeitos produzidos nesses deslocamentos e reespecializações/reterritorializações? Como esses processos se articulam em torno da gestão de territórios e populações? Como engendram novos arranjos de poder? E, finalmente, que recursos teóricos e metodológicos são necessários a este tipo de investigação?

Notas sobre uma etnografia multissituada: do Projeto Carbono Florestal Suruí ao sistema de governança ambiental global

Autoria: Vanessa de Souza Hacon (UnB)

O presente texto deriva de pesquisas realizadas durante o período do meu doutorado (2013-2018) e tem por objetivo explicitar algumas considerações teórico-metodológicas que embasaram a realização da tese. Neste artigo, pretendo apresentar a trajetória de pesquisa efetuada de modo a evidenciar a sua influência sobre a própria (re)definição do objeto de estudo em constante diálogo com as fontes primárias consultadas e um referencial analítico interdisciplinar, pautado na ecologia política e na antropologia política do desenvolvimento, da cooperação internacional e do Estado. A retomada desse percurso metodológico tem por objetivo explicitar os caminhos de uma etnografia multissituada que buscou apreender um objeto de pesquisa multifacetado e atravessado por múltiplas escalas, nessa confluência de redes, fluxos e relações no espaço transnacional.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: